

**Olimpíada**  
**DE LÍNGUA PORTUGUESA**  
*Escrevendo o Futuro*

# Na Ponta do Lápis

ano XI – número 25  
Março de 2015



**Em cada rosto um Brasil**  
É A OLIMPÍADA, MAIS UMA VEZ, ESCRREVENDO O FUTURO

Distribuição gratuita





# Na Ponta do Lápis

ano XI • número 25 • março de 2015

COORDENAÇÃO TÉCNICA  
Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,  
Cultura e Ação Comunitária – CENPEC

## CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

**Coordenação**  
Sônia Madi

**Texto e edição**  
Luiz Henrique Gurgel  
Maria Aparecida Laginestra  
Regina Andrade Clara

**Revisão**  
Rosania Mazzuchelli  
e Mineo Takatama

**Edição de arte**  
Criss de Paulo e Walter Mazzuchelli

**Ilustrações**  
Criss de Paulo

**Fotos**  
Veronica Manevy

**Editores**  
AGWM Editora e Produções Editoriais

**Tiragem**  
240.000 exemplares  
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

**Contato com a redação**  
Rua Minas Gerais, 228 – São Paulo – SP  
CEP 01244-010  
Telefone: 0800-7719310  
e-mail: [escrevendofuturo@cenpec.org.br](mailto:escrevendofuturo@cenpec.org.br)  
[www.escrevendofuturo.org.br](http://www.escrevendofuturo.org.br)

## INICIATIVA



Ministério da  
Educação





“Na realidade, os leitores apropriam-se dos textos, lhe dão outro significado, mudam o sentido, interpretam à sua maneira, introduzindo seus desejos entre as linhas: é toda a alquimia da recepção. Não se pode jamais controlar o modo como um texto será lido, compreendido e interpretado.”

**Michéle Petit**

*Os jovens e a leitura – Uma nova perspectiva.* São Paulo: Editora 34, 2008.



## **editorial** 4

Mosaico brasileiro

## **entrevista** 6

Antonio Nóbrega

Pela arte e cultura popular nas escolas

## **de olho na prática-1** 11

A reescrita textual: como aprimorar o texto do meu aluno?

## **reportagem** 17

Pequenas grandes histórias

## **página literária** 26

Eliane Brum

A invenção da escrita

## **tirando de letra** 28

O exílio onde eu vivo

## **especial** 32

Ortografia e ensino

## **de olho na prática-2** 36

Histórias vividas, histórias narradas

## **indicações** 42

Para quem busca novidades para ler, ouvir, ver, falar, pensar e sonhar

## Mosaico brasileiro

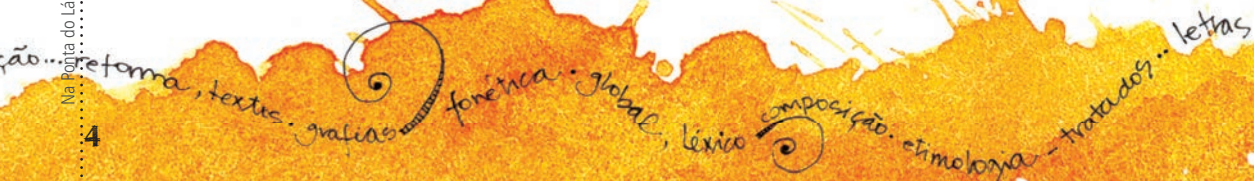
**A**no passado, chegamos aos doze anos de existência. Tudo começou em 2002 com o Programa *Escrevendo o Futuro*, proposto pela Fundação Itaú Social com coordenação técnica do Cenpec. A ideia de melhorar a capacidade de escrita e, por extensão, a de leitura dos estudantes de escolas públicas brasileiras só podia seguir um caminho para ser eficiente: trabalhar a formação dos personagens mais importantes desse processo, as professoras e professores de língua portuguesa.

O sucesso alcançado em seis anos dessa empreitada foi tamanho que em 2008 *Escrevendo o Futuro* ganhou um novo parceiro: o Ministério da Educação, e passou a chamar-se “Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*”. Desde então, está presente na maioria das escolas públicas brasileiras de Ensino Fundamental e de Ensino Médio.

Em 2014, na 4ª edição como Olimpíada, *Escrevendo o Futuro* mostrou mais uma vez que é abrangente não apenas por envolver milhões de brasileiros – estudantes e professores – de todos os Estados no trabalho com a escrita, mas porque a cada edição revela um grande mosaico de rostos, culturas, cores, experiências e sotaques, um espelho do país. E essa diversidade fica patente não somente na presença dessas pessoas, notada especialmente nas oficinas regionais, onde elas se reúnem para as atividades do programa, mas também no momento em que floresce o resultado do trabalho dos professores, cristalizado nas produções dos alunos.

Os textos enviados pelos participantes em todas as edições formam um dos mais ricos acervos de histórias contadas por jovens brasileiros.

Pincelamos algumas das histórias vividas pelos participantes da Olimpíada, em 2014, que ilustram esse mosaico. E quem quiser saber o que ocorreu nas oficinas regionais dos semifinalistas – realizadas nas cidades de Belo Horizonte, Maceió, Porto Alegre e Brasília – pode acessar o Portal









# Pela arte e cultura popular nas escolas

*Músico, bailarino, ator, brincante, pesquisador.*

*O múltiplo Antonio Nóbrega falou de vida, obra e da incansável luta pela valorização da arte popular brasileira que ele cria e recria nas mais diversas linguagens desde quando conheceu e trabalhou com Ariano Suassuna, em Recife, nos anos 1970. Foi nesse universo da cultura popular – descoberto por ele tardiamente – que passou a montar espetáculos, gravar discos e até criar um alter ego, o personagem Tonheta, espécie de palhaço mambembe e fanfarrão, de raízes nordestinas. Nóbrega soube recentemente que terá de deixar o local do Instituto Brincante, teatro-escola instalado há vinte anos em São Paulo, que dará lugar a um conjunto de prédios. Mas isso não desanima o artista que propõe aos professores incluírem arte e cultura popular em suas aulas.*

Luiz Henrique Gurgel

## ■ Como foi se aproximar da arte e da cultura popular, vivendo em Recife, somente depois de adulto?

Sou filho de médico, estudei francês em colégio marista e fui para o conservatório de música. Cumpri o rito de um bem-nascido. Mas meu pai tinha uma visão bastante aberta, me fez estudar violino, o que não era comum entre os pais de classe média. Isso me proporcionou receber o convite do escritor Ariano Suassuna para integrar o grupo Quinteto Armorial – tinha 18 para 19 anos. A partir daí, comecei a me interessar pela música brasileira de raízes populares. E eu, jovem recifense, não sabia o que era frevo, caboclinho, maracatu. No Carnaval, eu ia vestido de Roy Rogers, de índio apache do faroeste norte-americano. Havia uma linha divisória – que ainda existe – entre o carnaval popular e o carnaval da classe média. Eu participava do segundo, jogava serpentina, confete, fazia corso, ia dançar marchinhas nos clubes. Na outra margem, que eu não conhecia, havia a festa do povo, as troças que saíam às ruas com as orquestras de frevo e os passistas, os maracatus, os caboclinhos. Essas manifestações me foram sonegadas. Com Ariano, comecei a me interessar por esse outro lado. Ele falava das manifestações e eu ficava curioso em conhecer. Pulei essa cerca. Então, a segunda parte da minha história começa aí. Passo a assimilar, a aprender. E trouxe isso para o meu universo de criação e para a minha vida. Não aprendi só passo de frevo e de maracatu, aprendi novas relações, novos procedimentos humanos. E ao longo de vários anos fui fazendo uma assimilação material de conteúdos imateriais. Eu ia à casa de um dançador de frevo para aprender os passos; ia ao ensaio do caboclinho para aprender os toques da gaita, os movimentos coreográficos; fui para o Ceará, no Cariri, conhecer as batidas da zabumba dos irmãos Aniceto. Fui um franco-aprendedor. Ainda sou.





Recentemente estive na cidade de Paudalho – zona da mata pernambucana – e pude ver como o povo faz transfusões culturais. Nessa região existem muitos maracatus rurais, como os chamados “caboclos de lança”, de chapelões, mantos bordados. Tocam uma música ágil, ligeira, as famosas sambadas. E o frevo também está presente nessa região, apesar de ser recifense, metropolitano. Em Paudalho tem um clube de frevo com o acento do maracatu rural, que não é nem um, nem outro, é uma síntese dos dois, uma terceira dança, um frevo amaracatuizado. É uma amostra do Brasil se produzindo, se recriando. Isso é maravilhoso, é um país explorando suas formas lúdicas que o outro lado do Brasil não reconhece ou reconhece mal. Prefere se comunicar com o exterior e não olhar melhor o nosso quintal e ver como essas formas podem ser vividas, contemporizadas, tanto artisticamente como no campo da educação.

■ **Tempos atrás, você declarou numa entrevista: “Com o pandeiro na mão é que o Brasil vai se firmar”. Pensando nessa metáfora, em que momento estamos?**

Ainda não nos firmamos. Mas vejo aspectos positivos associados a essa metáfora. Eu tomei um elemento simbólico, o pandeiro, como emblema da possível valorização do Brasil. Como sou da área da cultura e da arte, tento me aproximar e revelar o Brasil através dela. Acho que em algumas instâncias o país tem se aproximado de si mesmo, mas ainda não para acreditar que chegou àquele lugar que sonhamos. Queremos um país onde a justiça social aconteça, que a tão propalada cordialidade brasileira seja entendida, onde os fatores econômicos que

atravancam o desenvolvimento tragam melhores índices, onde a violência não seja tão escancarada. Por esse lado, temos muito que arregañar as mangas. E do ponto de vista da cultura ainda temos um percurso grande para nos entendermos.

Vou pegar outra metáfora, a do Carnaval, que é uma festa de natureza absolutamente brasileira. São as escolas de samba, o bumba meu boi, marchinhas cantadas pelas ruas. Parece que o Brasil nesse momento mostra o seu temperamento. E isso vem das nossas fontes populares. Samba, frevo e marchinha só existem pelo universo negro, indígena, que ajudaram a fabricar essas formas culturais. Mas, passado o Carnaval, é como se tudo isso morresse. Não se escuta mais falar. Isso tudo não respinga nos outros 360 dias do Brasil. O nosso teatro, por exemplo, absorve alguma coisa dessa festa das escolas de samba?

■ **O Carnaval como uma festa restrita àquele período do ano, uma parada de tempo no país?**

O Carnaval sempre esteve presente no espírito dos filmes da chanchada, onde eram lançadas as marchinhas e novas formas de dançar. Havia uma ligação da festa carnavalesca com uma manifestação cultural, a do cinema. Atualmente, parece não deixar rastro. Por exemplo, conhecemos as tragédias gregas e essas dramaturgias têm origem nas festas pagãs, como eram os carnavais. Guardadas as proporções históricas, eram festas que foram se dinamizando com o tempo e se organizando nos anfiteatros onde autores trágicos apresentavam esses dramas. Aí eu penso: de certa forma, uma escola de samba no sambódromo não guarda um



Divulgação



**“Nosso universo de cultura popular foi capaz de edificar ao longo dos séculos uma rica catedral de imaginário simbólico. Se isso for trazido à tona, pode ajudar nos nossos processos educacionais e artísticos.”**

pouco desse espírito? É um espetáculo realizado ao ar livre, que traz um tema, mas não tem a contundência de uma tragédia grega. Os gregos, nos grandes anfiteatros, viviam o momento da catarse, daquela emoção. Talvez, na escola de samba, a catarse seja quando passam os tambores, que também provocam uma emoção muito grande, mas não têm o mesmo papel do final de uma tragédia. Eu imagino Recife, num grande palco a céu aberto e de repente um espetáculo teatral que junte dança, música, poesia, e nos coloque para pensar. A tragédia grega ampliava a consciência, fazia o povo pensar. Por isso digo: será que o Carnaval é simplesmente encher a



cara e sujar as ruas? É só isso? Não vamos encontrar uma compreensão maior do que é o Carnaval? Dizer que precisamos de três dias para beber e desafogar as mágoas é mentira, porque todo fim de semana se bebe neste país. Apesar disso, ultimamente as marchinhas carnavalescas parecem ter voltado com uma dinâmica diferente. São crônicas que falam do dia a dia e podem ser portavozes, de uma forma brincalhona, do dizer, e passar uma visão de mundo.

**■ O que sugeriria a um professor que quisesse trabalhar cultura popular com seus alunos? Cultura popular é sinônimo de folclore?**

Existe uma visão estereotipada da cultura popular como sinônimo de folclore. Tanto a cultura popular como o folclore parecem não ser portadores de uma dinâmica contemporânea, de presença na vida cotidiana. Cultura popular é trabalhar por obrigação um universo que disseram ser brasileiro, que é interessante, que é bom preservar,

resgatar. Mas há outra maneira de entender quais são os conteúdos da cultura popular que podem sair do lugar comum. Por exemplo, por que quando vou dançar um coco eu tenho que dançar com aquela saia de chita? O povo usava chitão porque era o pano mais bonito e caro a que tinha acesso. Isso há cinquenta, sessenta anos. Para um aluno de hoje isso não tem sentido. Para ele a roupa mais bonita é uma mais moderna. Então, a primeira coisa é desobstruir tudo aquilo que seja clichê. Por que cantar uma quadrinha, um verso de sete sílabas em que rima o segundo com o quarto verso e aí se aprende aquele que sua mãe cantava porque seu avô

cantava e seu bisavô cantava porque falava de algo daquela região, daquele tempo? Hoje ele perde o sentido. Tenho que fazer um verso que fale das coisas do meu dia a dia, do meu caminho para a escola, da minha relação com a professora, com os amigos, com os pais. E vou usar apenas a forma, a estrutura do verso – as sete sílabas, a rima. E por quê? Porque vou educar – e aqui entra a questão da língua –, tentar disciplinar o meu falar a uma forma, é um exercício, um desafio, um jogo, uma forma lúdica. Isso ajuda a entender a prosódia da língua. E na hora de dançar eu aprendo os passos do coco, mas preciso ver como brinco com esse movimento, como transgribo. Usar formas lúdicas muito ricas, melodias, estrofes, passos, mas ressignificando, recontextualizando. Quando você domina uma quadrinha, vai querer dominar uma sextilha, quer ir mais para a frente, explorar e, nesse sentido, vai recriando. O universo simbólico popular é muito rico dessas formas, carece de nos aproximarmos





dele. Mas é preciso ter pessoas que dominem esse material.

Outro exemplo, a capoeira, uma grande instituição cultural. Nela as pessoas estão se exercitando corporalmente, estão cantando, estão tocando instrumentos de percussão, estão mantendo uma relação de grupo com o mestre. É um celeiro de atividades que podem entrar na dinâmica de educação. Não se entra na capoeira só para lutar. Ela exercita e dá destreza. Você pode aprendê-la tendo uma compreensão da fisiologia do próprio corpo: como é que eu protejo meu joelho, minha coluna? Como trabalho meu pescoço? Tudo isso educa ludicamente as pessoas. Precisamos tirar essa capa: “capoeira é luta”. É muito mais que isso. Volto à metáfora, estaremos segurando o pandeiro na mão verdadeiramente.

■ **E como as danças populares brasileiras entraram na sua vida? Como você sistematizou esse seu aprendizado e como utiliza isso para criar seus espetáculos?**

Eu estudo bastante. Quando comecei a aprender cada dança, os passos do frevo, a sistematizar e a entender o vocabulário dele, chegou um momento em que eu disse: e agora, como é que codifico? Isso não foi feito pelo homem do povo. Quando se estuda a dança clássica europeia, ela foi em algum momento um frevo primordial, uma dança elementar. E, com o passar dos séculos, sistematizadores foram organizando aquela dança a ponto de chegar até onde nós conhecemos, algo altamente sofisticado. Mas o frevo não está ali. Então fui estudar nas danças codificadas quais são os processos que existem para estruturar essa dança

daqui. E não fui estudar só as danças europeias, mas as danças do Oriente, da Índia, de Bali. E foi isso que fiz com as danças do Brasil. Quando armo as minhas coreografias, eu tenho esse material, uso essa linguagem que consegui codificar a partir desse manancial popular. Minha aventura com a dança não é algo temporário, é mais rico, que possa fabricar muito mais que uma dança momentânea.



Divulgação

■ **O que acha das fusões que vários músicos fazem de ritmos brasileiros com o rap ou com o rock, por exemplo?**

A cultura não é estática, se comunica com outras formas. Mas proponho uma questão para refletir: quando uma fusão mata a outra e quando, com as duas, surge algo mais forte? E faço uma confissão: quando vejo os *rapistas* brasileiros fazendo tudo igual ao *rapper* americano, com o mesmo bonê, o mesmo jeito de segurar o microfone, a calça igual, eu me entristeço. O figurino tem que ser igual? Precisa se apropriar literalmente do imaginário alheio? Vamos construir outro imaginário. Não acho que há fusão nesse caso e me causa estranheza. Mas entendo a razão. É que eles recebem só isso. Eles poderiam ver no Nordeste um embolador cantando, tocando pandeiro. O *rap* é uma forma estrófica, com rimas determinadas, mas diferentes das formas da embolada, onde a conformação métrica é muito mais rigorosa. Um verso tem que ter sete, dez ou onze sílabas. No *rap*, não. Esse universo dos poetas populares não tem a visibilidade do *rap*, não entra na mídia, e aí esses jovens das periferias urbanas do Brasil não têm acesso. Nosso universo de cultura popular foi capaz de edificar ao longo dos séculos uma



rica catedral de imaginário simbólico. Se isso for trazido à tona, pode ajudar nos nossos processos educacionais e artísticos. Estou falando de um projeto de cultura. Precisamos fazer com que os professores participem disso. O Instituto Brincante [centro de formação e difusão da arte e da cultura popular que Nóbrega mantém em São Paulo] é um desses mecanismos para incorporar, a longo prazo, essa dinâmica.

### ■ Quais são os autores de referência nas suas pesquisas?

Mário de Andrade, Câmara Cascudo, Leonardo Mota, Oswald Barroso, Iá do Ceará; Rodrigo de Carvalho, Gustavo Barroso, Theo Brandão, em Alagoas. Mas não temos uma história sobre a linha de tempo cultural popular. Se você abre um manual de literatura brasileira, vai encontrar uma história, de certa forma, oficial. Se você observar os poetas Gonçalves Dias, Fagundes Varela, Castro Alves, todos trouxeram temas brasileiros, mas falaram com as formas da poesia europeia: no soneto, na ode, na écloga, as estrofes são todas do patrimônio da cultura ocidental. Você não vai

encontrar em nenhum desses livros, o mourão rebatido, a embolada, uma décima de sete sílabas, um galope à beira-mar, ou seja, uma outra literatura que foi se desenhando ao lado daquela. Ela também não é brasileira? Não nasceu e se criou aqui? Ela foi sempre entendida como cultura folclórica, como cul-



Tonheta

Divulgação

tura menor. É por isso que professores não a levam a sério. Existiu o poeta Leandro Gomes de Barros, que escreveu mais de 1.200 folhetos da literatura de cordel. Se criássemos uma história da literatura popular brasileira em que ele estivesse lá, criávamos outro nível de respeitabilidade. Mas não há uma história completa, isso não

foi escrito. Quando leio Câmara Cascudo, Mário de Andrade, eu pego um pedaço dessa história. Um dos meus interesses, em algum momento da minha vida, é escrever uma história cultural popular brasileira. O frevo tem 120 passos, mas como nasceu? Falam em “cultura espontânea”. Nunca entendi o que é isso. E, na medida em que entendermos, vamos nos surpreender e encontrar um imaginário com função e papel na vida contemporânea do Brasil e do mundo.

## twitter oral



**Uma pergunta ou um mote para Antonio Nóbrega responder em poucas palavras.**

“Essa seção é a mais perigosa...”

**Madeira que cupim não rói:** a minha.

**Nóbrega é o Tonheta ou o Tonheta é o Nóbrega?:** tem um momento meu que eu começo ser Tonheta e, de marcha a ré, Tonheta tem um momento que volta para o Nóbrega.

**Frevo ou maracatu?:** Nossa! Ambos!

**Ariano Suassuna:** foi o grande abridor de caminhos para mim. Não estaria falando essas coisas se não tivesse acontecido na minha vida o fator Ariano Suassuna.

**Brasilidade:** é uma forma de a gente ser universal.

Saiba mais sobre Antonio Nóbrega em <<http://antonionobrega.com.br>>, e sobre seus projetos na página do Instituto Brincante em <<http://www.institutobricante.org.br>>.



# A reescrita textual: como aprimorar o texto do meu aluno?

Emílio Davi Sampaio

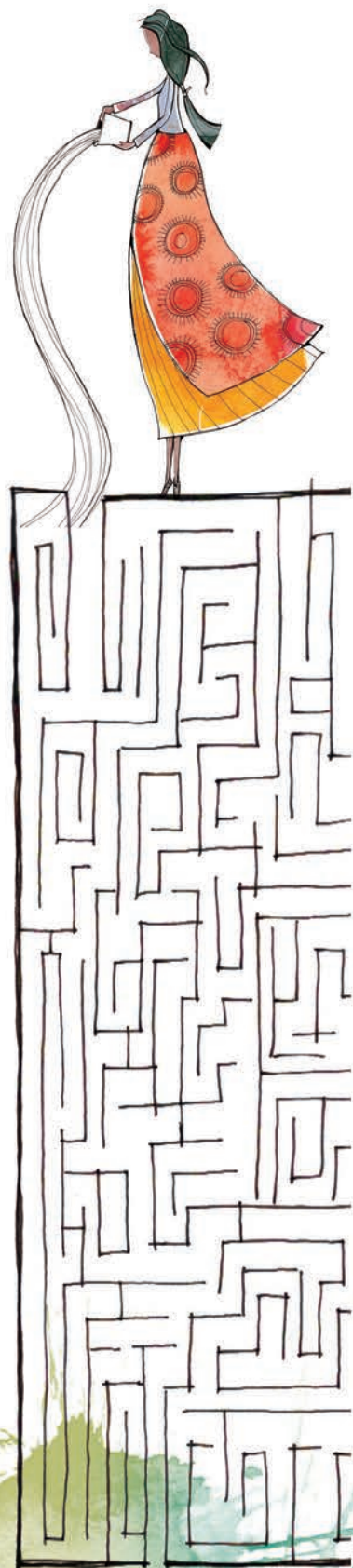
Os textos, produto de uma consciência criadora, raramente “nascem” prontos para serem apreciados pelos leitores, pois a escrita consiste num exercício que requer leitura, atenção e disciplina. Esse processo deve ocorrer mesmo diante da utilização da linguagem e criação literária, que considera o texto, principalmente o poético, no seu mais alto grau de plurissignificação.

Assim, podemos afirmar que a leitura que fizemos dos 125 poemas semifinalistas da 4ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, além de nos proporcionar uma viagem aos quatro cantos deste enorme país e conhecê-lo um pouquinho mais, fez-nos pensar um pouco sobre a questão da leitura e da reescrita textual. A viagem foi muito boa, pois nela descobrimos algo mais da fauna e flora amazonense, visitamos os vastos campos produtivos do Centro-Oeste, pudemos saborear a comida típica do povo mineiro, ouvimos o linguajar próprio do gaúcho, apreciamos o cordel do Nordeste, vivenciamos a pujança e a labuta do paulista; enfim, através das palavras dispostas num singelo papel, em forma de textos poéticos, conseguimos saber um pouco mais sobre o povo brasileiro e sua relação com o lugar onde vive.

Com a intenção didático-pedagógica de colaborar para que você, professor(a), possa desenvolver um trabalho mais eficaz com o **gênero Poema**, apresentamos, a seguir, dois textos comentados comparativamente, com o objetivo de apontar caminhos para a reescrita. Devemos esclarecer que o poema 1, intitulado “**O lugar onde vivo e seus problemas**”, foi escrito por mim, com o propósito de que ele sirva como exemplo para a prática da reescrita; o poema 2, que recebe o título “**Genocídio**”, foi, originalmente, escrito pelo poeta Emmanuel Marinho<sup>1</sup>. Portanto, este texto é um poema que contém valor e qualidade literária.

1. Disponível em <[www.emmanuelmarinho.com.br](http://www.emmanuelmarinho.com.br)>. Acesso em 27 de fevereiro de 2015.

**Emílio Davi Sampaio** é docente e pesquisador dos cursos de graduação e pós-graduação em letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Membro da Rede de Ancoragem da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.





Título comum. Lembrando que “O lugar onde vivo” é o tema da Olimpíada. Portanto, aconselha-se atribuir outro título ao poema.

### Poema 1

## O lugar onde vivo e seus problemas

Identificação temática repetitiva, empobrecendo o texto.

No lugar onde vivo, no meu bairro  
Tem criança que pede pão velho  
As pessoas respondem que não têm pão  
Para elas irem embora pro diabo  
À noite, a lua brilha e elas caminham.

Sentido denotativo, comum, não muito apropriado para o texto poético.

De novo, no outro dia, elas pedem pão velho  
As pessoas dizem que não têm pão  
Que elas têm comida pra elas  
Que têm empregadas domésticas  
Que têm eletrodomésticos, automóveis  
Mas que elas não têm pão.

Estrofe carregada de conectivos (que) e repetição do verbo “ter”. Ambos não exercem função nenhuma na construção poética do texto. A estrofe não apresenta ritmo.

As crianças voltam e batem palmas nas casas  
E novamente pedem pão velho  
Os moradores dizem  
Que eles têm supermercados, água encanada  
Pátria, edifícios, pinga, prisões  
Ofícios, armas e asfalto  
Mas que eles não têm pão.

... continua na página 14

Estrofe sem ritmo. Observe que, a partir do terceiro verso, foram utilizadas, praticamente, todas as palavras do poema da página ao lado, porém a disposição delas na estrofe é inadequada.

Título que instiga o leitor, fazendo-o pensar. Criada pelo autor, a palavra “genocídio” é um neologismo, que significa extermínio de etnias indígenas.

Poema 2:

## Genocídio

[crianças batem palmas nos portões]

[palmas]

**tem pão velho?**

não, criança  
tem o pão que o diabo amassou  
tem sangue de índios nas ruas  
e quando é noite  
a lua geme aflita  
por seus filhos mortos.

[palmas]

**tem pão velho?**

não, criança  
temos comida farta em nossas mesas  
abençoada de toalhas de linho, talheres  
temos mulheres servis, geladeiras  
automóveis, fogão  
mas não temos pão.

[palmas]

**tem pão velho?**

não, criança  
temos asfalto, água encanada  
supermercados, edifícios  
temos pátria, pinga, prisões  
armas e ofícios  
mas não temos pão.

... continua na página 15

Identificação temática que assinala um lugar e um acontecimento.

Sentido conotativo. O poeta empregou uma figura de estilo: a personificação ou prosopopeia. Essa figura consiste em conceder vida a objetos inanimados.

Estrofe enxuta, sem termos inapropriados e desnecessários, com palavras bem articuladas, de forma que se produza ritmo agradável aos ouvidos. (Professor(a), não se esqueça de que é necessária a leitura em voz alta para verificar o ritmo do poema.)

Estrofe com ritmo. O poeta soube como ordenar as palavras na estrofe, de maneira que elas produziram ritmo cadenciado, próprio da linguagem poética. Fazendo-se a leitura em voz alta, notaremos que as palavras fluem, produzindo a eufonia, acomodada ao sentido e articulação das palavras.



Repetição inadequada dos conectivos “e” e “que”.

As crianças não desistem e pedem pão velho  
As pessoas dizem pra elas  
Irem andar pelas calçadas  
E passar fome e morrer noutro lugar  
E que elas têm cidades com luzes nas avenidas  
E que têm também índias suicidas  
Mas que elas não têm pão.

Sentido denotativo, não muito utilizado na linguagem poética.

As crianças voltam pedindo pão velho  
Todos respondem que  
Eles têm muitas outras coisas  
Que eles têm canhões, navios  
Computadores, satélites, mísseis,  
Usinas nucleares e radares  
Mas eles não têm pão.

**Emílio Davi Sampaio**

Estrofe sem ritmo. Observe que, como na terceira estrofe, as palavras dos versos três, quatro e cinco são, praticamente, as mesmas que as do poema em comparação; porém, elas não foram ordenadas para produzir eufonia.

... continuação do poema 2

[palmas]

**tem pão velho?**

não, criança  
tem sua fome travestida de trapos  
nas calçadas  
que tragam seus pezinhos  
de anjo faminto e frágil  
pedindo pão velho pela vida  
temos luzes sem alma pelas avenidas  
temos índias suicidas  
mas não temos pão.

Repetição do verbo “ter” e rimas consoantes em “avenidas e “suicidas”. Ambos os recursos reforçaram o sentido que o autor atribuiu à situação.

Sentido conotativo, o que produz efeito poético significativo no texto.

[palmas]

**tem pão velho?**

não, criança  
temos mísseis, satélites  
computadores, radares  
temos canhões, navios, usinas nucleares  
mas não temos pão.

Estrofe com ritmo, devido à ordenação bem articulada das palavras. Ainda se nota o jogo, bem marcado, de rimas consoantes em “radares e “nucleares” e a repetição apropriada do verbo “ter” no segundo e quarto versos.

[palmas]

**tem pão velho?**

não, criança  
tem o pão que o diabo amassou  
tem sangue de índios nas ruas  
e quando é noite  
a lua geme aflita  
por seus filhos mortos.

[palmas]

**tem pão velho?**

**Emmanuel Marinho**





Caro(a) professor(a), o que apresentamos foi apenas um exercício ou modo de se trabalhar a reescrita textual. Nossa intenção foi a de lhe mostrar que é possível aprimorar o texto do seu aluno e deixá-lo mais bem acabado. Entretanto, não se pode dizer que não há outros caminhos; estes devem ser descobertos por você mesmo(a). Muito importante também é não se esquecer de ter em mãos, sempre, o Caderno do Professor *Poetas da Escola* e desenvolver, sequencialmente, as oficinas contidas nele, pois esse material é um importante instrumento pedagógico para o trabalho com a produção de textos poéticos.

Por outro lado, você, professor(a), deve ter observado que o poema “Genocídio”, escrito pelo poeta Emmanuel Marinho, contém forma e conteúdo adequados para se trabalhar com um **gênero** que durante muito tempo foi deixado de lado pela escola: o **oral**, este, no sentido de comunicação e expressão. Para que isso ocorra, é necessário que, aos poucos, se desenvolva a arte da **declamação** em sala de aula, isto é, que o aluno saiba “de cor” o texto para transmiti-lo oralmente a outros colegas e pessoas. E não podemos nos esquecer de que a palavra “de cor” é abreviatura de “de coração”. Sendo assim, deve-se, primeiro, permitir que o coração aceite o poema para depois enviá-lo “de coração pra coração”. Por fim, certamente, essa atividade vai possibilitar ao aluno uma melhora no desempenho de sua competência linguística e verbal como um todo.

# Pequenas grandes HISTÓRIAS

*Os encontros entre centenas de professores, estudantes e educadores, durante as oficinas regionais da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro estão entre os momentos marcantes e empolgantes do programa. São como microcosmos de Brasil pela diversidade de gente que fala a mesma língua, mas com sotaques, origens, visões de mundo e, sobretudo, histórias de vida diversas. Na Ponta do Lápis apresenta quatro dessas histórias levadas aos encontros da 4ª edição ou foram vividas neles. Uma pequena seleção, pois inúmeras outras poderiam ser relatadas aqui.*

Luiz Henrique Gurgel

**F**oram milhões de estudantes participando em milhares de escolas espalhadas pelo Brasil. Quase 55.000 textos enviados, dos quais 500 chegaram às semifinais nacionais, depois de atravessarem a etapa escolar, a municipal e a estadual. As quatro semifinais com suas respectivas oficinas – uma para cada gênero de texto do programa – reuniram mil pessoas vindas de todos os Estados brasileiros. Elas foram realizadas entre os dias 28 de outubro e 19 de novembro em quatro cidades – Belo Horizonte, que recebeu os participantes da categoria Poema; Maceió, que ficou com os de Memórias literárias; Porto Alegre, com os semifinalistas de Crônica; e Brasília, que abrigou os do gênero Artigo de opinião.

Em cada uma delas, os 125 professores e seus alunos participaram de um encontro com três dias de muitas atividades. Foram palestras, análise de relatos de prática em sala de aula e oficinas de reescrita de textos para os alunos. Estudantes também puderam expressar opinião participando de debates, realizar uma entrevista coletiva com uma personalidade relatando suas memórias, gravar CD com os próprios poemas ou participar de oficina de fotografia que pudesse inspirar crônicas. Ainda havia livros, leituras coletivas, peça de teatro, passeios e a oportunidade de muitos encontros entre professores e entre estudantes de todos os Estados brasileiros.

As ações ficaram registradas nos quatro *blogs* oficiais da Olimpíada – um para cada oficina – hospedados no Portal *Escrevendo o Futuro* ([www.escrevendoofuturo.org.br](http://www.escrevendoofuturo.org.br)).

Mas outras riquezas desse encontro – as histórias pessoais e as breves e intensas experiências vividas pelos participantes – podiam ser ouvidas ou vistas por quem perambulasse pelos corredores, pelos refeitórios ou pelas salas onde ocorriam as atividades. Conheça quatro histórias colhidas em conversas, entrevistas e depoimentos durante as oficinas.







## Para mudar o futuro

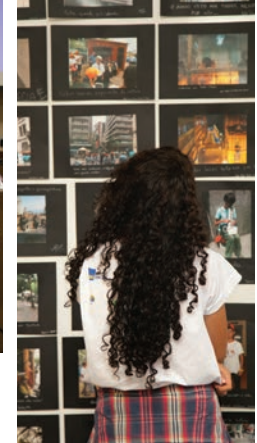
*A professora que trabalha produção de textos com adolescentes da Fundação Casa, em São Paulo, busca, com sua experiência, mudar a trajetória daqueles meninos. Ela foi vencedora na categoria Poema orientando um deles.*

**O** tom de voz é baixo e praticamente não se altera durante a conversa. Mas há firmeza na fala suave e pausada. Vencedora na categoria Poema, a professora Maria da Penha Silva vive uma realidade diferente da maioria dos colegas que encontrou na oficina em Belo Horizonte. Há doze anos leciona para adolescentes que cumprem medidas socioeducativas na Fundação Casa, na capital paulista.

Foi trabalhar com esses estudantes por um capricho da história. Penha cuidava da edição de materiais educacionais do Senai e, antes de completar 48 anos, se aposentou. Por insistência de uma amiga, foi dar aulas numa escola estadual. Em um curso de aprimoramento para professores da rede, soube de uma colega que lecionava para adolescentes numa unidade da Fundação e, curiosa para entender uma realidade tão diferente daquela da escola em que estava, aceitou o convite para dar aulas de língua portuguesa. O detalhe é que Penha era “revoltada com a violência urbana”, como ela mesma afirma. Motivos não faltavam: seu carro fora roubado cinco vezes.

Em sua primeira aula sentiu frio na barriga ao passar pelos corredores com portões de ferro e grades. Numa sala de seis metros quadrados, com quatro alunos, apresentou a eles o texto de Rubem Braga “Meu ideal seria escrever” com uma roda de leitura e conversa sobre o texto. Também era um teste para ela mesma. No fim da aula, um dos alunos – o mais inquieto – quis saber se ela ia voltar no dia seguinte. Sentiu que a estratégia dera certo.

As experiências foram se multiplicando e ao longo dos anos sentiu que vivia uma grande transformação pessoal, sempre se perguntando se ia sair de lá: “Eu dizia para mim mesma: ‘Ainda não está no momento’. Não conseguia deixar meu trabalho. Cada vez mais fui percebendo que precisava fazer diferente, fui me modificando como professora, até fora da instituição”. Não que Penha aprovasse o rumo



que aqueles meninos tinham tomado em algum momento da vida: “Não está correto, mas, conhecendo a história deles, dá para pensar na situação. É como se você jogasse uma planta na terra, sem dar água e alimento. Ela cresce conforme o vento que bate”.

A Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* era mais uma novidade a ser tentada. Sabia que a maior dificuldade seria estimular a participação dos alunos. “É comum eles acreditarem que não terão nova oportunidade. Também não acreditavam que poderiam fazer algo na Olimpíada.” Com a notícia de que um aluno chegara às semifinais, o alvoroço tomou conta dos adolescentes. “Todo mundo vinha pedir, até alunos que não faziam lição: ‘A senhora me ensina a produzir textos?’” Sentiu que devolvia esperanças.

As oficinas de Poema e de Crônica – os dois gêneros em que se inscreveu – serviram para perceber mais mudanças. Era comum que os estudantes perguntassem a ela o que era “sensibilidade” ou “amor”. “O que a gente sente quando está sensível?”, queriam saber. O aluno de Penha que acabou vencedor na categoria Poema tinha dúvidas sobre o tema geral da Olimpíada, “O lugar onde vivo”: “Professora, o único lugar que conheço é aqui, estou aqui desde 13 anos. Posso falar daqui?”. “Escreva o que tiver vontade de escrever”, ela respondeu.



Professora  
Maria da Penha Silva

Nesse tempo todo, diz que o maior presente que ganhou veio de um aluno que estava de saída da Fundação. Ele declarou: “Quero que a senhora tenha muita sorte, porque a senhora não desistiu da gente, a senhora é severa, estava sempre ‘ali’, mas não desistiu da gente. Eu quero agradecer muito”.

A educadora Maria da Penha não titubeia quando fala da educação como ação transformadora: “Todo tempo queremos que os alunos vejam que trabalhamos com seriedade. O segredo é ser sincera. É preciso mostrar que ninguém está com eles porque tem dó. É preciso transformá-los em pessoas que reflitam sobre os próprios atos, que sabem ser responsáveis pelas escolhas. É preciso mostrar que o estudo é o único caminho que poderá mudar o futuro deles”.





# Tramas, penteados e narrativas

*Na oficina de Memórias literárias, em Maceió, a redescoberta de uma estudante – que ficou muito tempo fora da escola – do prazer de ouvir e recriar histórias.*

A cabeleireira Rozemenia Barbosa Lisboa, 45 anos, abandonou a escola aos 11, logo que terminou a 4ª série. Não aguentou a dura rotina do ir e vir diário entre o sítio da família e a sala de aula, em caminhadas de meia hora por estrada de terra. A volta para casa ainda era pior, pois vinha debaixo do sol das onze horas da manhã, em São José da Tapera, sertão de Alagoas. “Era tão quente que às vezes chegava em casa e do nariz começava a correr sangue. Desisti”, explica. Trinta anos depois, casada e com cinco filhos, resolveu voltar a estudar. Concluiu em 2014 o 8º ano, quando chegou à semifinal nacional da categoria Memórias literárias com um texto que mistura as histórias que, ainda menina, ouvia do pai, com passagens que ele, aos 82 anos, relatou à ela para que escrevesse o texto. “E eu contei a história como se fosse ele.”



Rozemenia conversou com *Na Ponta do Lápis* quando se preparava para deixar o hotel, em Maceió, e voltar para casa, um dia após o encerramento da oficina. Não tinha se classificado para a final da Olimpíada. Narrou as memórias que deixou no texto que a trouxe para a semifinal, começando pela história de amor dos próprios pais. A fala coloquial e pausada vinha como se saboreasse as palavras e a lembrança evocada: “A primeira vez que o pai viu a mãe, se apaixonou. Ela era bonita, tinha



o cabelo longo, quis casar. Ela percebeu a sinceridade dele e aceitou. Tiveram doze filhos. Passaram dificuldades na roça, ora seca, ora muita chuva. Eu lembro, uma vez, que ele botou a roça e veio uma chuva que acabou com tudo, não sobrou nada. Foi para São Paulo trabalhar. Nós ficamos com saudade dele. Um dia meu irmão mandou uma carta falando que o inverno ia ser bom. Dizia assim: 'Pai, vem pra casa que o inverno está bom. Vamos fazer a roça! Estamos com saudades, mamãe está com saudade. As vacas não param de berrar, os bezerrinhos não param de urrar e eu estou achando que é de saudade do senhor'. Ele voltou pra casa muito emocionado, tinha ficado seis meses em São Paulo. Nós começamos a abraçar ele, beijar ele, na maior alegria. Depois ele correu pro cercado, chegou lá e não viu o gado. Começou a gritar e daqui a pouco o gado apareceu a correr, arrodando ele, pareciam pessoas bem alegres, arrodando, urrando, berrando. A gente nunca esqueceu". O inverno, na ocasião, acabou sendo muito bom, com chuva, como um prêmio ao pai pela volta.

A estudante queria continuar a narrativa, mas faltava pouco para pegar o ônibus que a levaria à rodoviária de onde seguiria para São José da Tapera. Concluiu a conversa falando dos próprios sonhos, da escola, das oficinas de textos com o seu professor, Ronivaldo Souza Silveira, e do desejo de ir para a faculdade, se formar, mas sem deixar de fazer o que mais gosta: cuidar do cabelo de pessoas idosas e ouvir suas histórias. Quer montar um salão e, entre as tramas de um penteado e outro, ouvir o que suas clientes dizem, imaginar e confabular narrativas mentalmente. A experiência da Olimpíada só reforçou a ideia de que não vai mais parar de escrever, de ouvir histórias e de fazer o cabelo das pessoas.



Rozemenia  
Barbosa Lisboa





# Uma brincadeira séria com as palavras

*Dois garotos que se conheceram na oficina de poemas em Belo Horizonte realizam uma casual e sofisticada colaboração – com trocas de ideias e opiniões sobre sentidos de palavras e rimas – na hora de produzirem seus versos.*

Os dois nunca haviam se visto, mas conversavam sérios e penetrados, cada um com sua folha de papel, apontando trechos dos textos, atentos às palavras e observações do outro, como se fossem velhos companheiros de trabalho fazendo uma revisão. Os dois realizavam juntos uma das atividades mais importantes das oficinas com semifinalistas: a revisão e a reescrita de texto. Por coincidência, vinham da região Sul do país e caíram na mesma turma



Gustavo Kuster Meneghetti



Mateus Gabriel Zucchi



na oficina da categoria Poema. Gustavo Kuster Meneghetti era de Curitiba, Paraná, aluno do professor Rafael Borges Ardiles; Mateus Gabriel Zucchi veio de Barra do Rio Azul, no Rio Grande do Sul, aluno de Flavina Bagatini Munaro. Ao serem interrompidos pelo repórter para saber do que tanto tratavam, Mateus explicou com tranquilidade, como se o espírito colaborativo entre colegas que acabaram de se conhecer para fazer uma atividade escolar fosse a ação mais natural do mundo: “Eu não estava entendendo muito bem o que fazer [com o texto], às vezes me dava um branco”.

Foi então que Gustavo veio em auxílio do novo amigo: “Eu estava olhando o poema dele para dar uma dica no que podia mudar, uma frase que não fez muito sentido, não é, Mateus?”. O gaúcho, então, contou ao colega o que queria expressar: “Eu comentava que aquele poema que fiz tem tudo sobre a minha vida, o que aconteceu e o que vai acontecer”. O verso que entortou no ouvido de Gustavo dizia: “Não temer lobisomem”. Mateus, então, explicou a metáfora: “Quando eu era pequeno, eu e meus irmãos dormíamos no mesmo quarto. Eles eram de mais idade e viam filmes de terror na TV. Eu não conseguia dormir e ficava escutando. Quando eu coloquei ‘não temer lobisomem’, eu quis botar todos os monstros ali, porque eles não existem”.

A sofisticada conversa entre aqueles meninos, cujas idades somadas mal passariam dos vinte e poucos anos, continuou quando Gustavo tratou de certa hesitação entre o som e o sentido do verso de Mateus: “Eu perguntei a ele por que a palavra ‘lobisomem’ estava no final de uma estrofe que eu não tinha entendido. É que uma parte ali não tinha rima”, justificou o questionamento.

Talvez a idade, a empatia e os objetivos comuns que os reuniram ali ajudem a explicar afinidade tão espontânea. Talvez o gênero permita entender por que trocavam ideias e sugestões com tanta liberdade e propriedade. O mais provável, porém, é que por trás da aparente seriedade das falas dos dois garotos estivesse apenas a vontade de brincar, em dupla, com as palavras.







# O caminho das pedras, eu mesmo faço

*Estudante do Ensino Médio decompõe os elementos de um artigo de opinião e elabora roteiro com orientações para produzir um bom texto do gênero.*

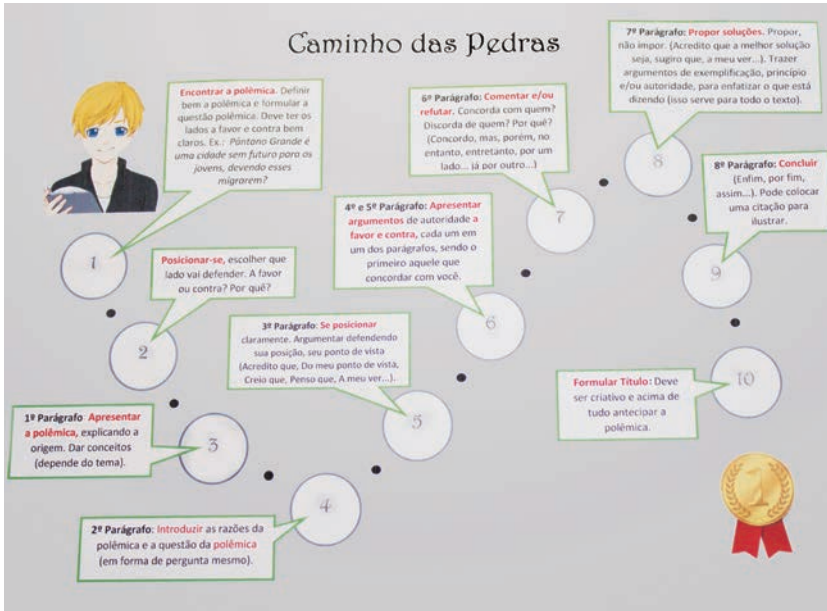
Os olhos do menino louro ficam concentrados na folha de papel que tem em mãos. Algo que se parece com um mapa. Ele explica como o criou. Com gestos precisos, vai apontando para pontos no papel, explicando o que vem primeiro, o que vem depois e como tudo deve estar articulado. William Latosinski Matos, da cidade de Pântano Grande (RS), explicava como havia concebido um roteiro para quem deseja escrever um bom artigo de opinião.

A ideia veio por sugestão de sua professora, Caroline Pinto Salgueiro. De tanto ouvi-la falar num “caminho das pedras”, a ser percorrido por quem quer escrever um bom texto, ele resolveu pôr mãos à obra e rascunhou numa folha de papel o seu próprio percurso. Depois passou o esquema para o computador, imprimiu e deixou pronto o mapa da mina.

“A minha professora, depois que trabalhou todas as oficinas, propôs na sala que cada aluno fizesse o seu caminho das pedras particular, da sua maneira, como acreditava que seria melhor para construir



A professora, Caroline Pinto Salgueiro e o aluno William Latosinski Matos.



O esquema do "Caminho das pedras" criado por William.

um artigo. Ela explicou nas oficinas cada passo da produção, e isso eu já tinha notado como funcionava. Dessa forma, a gente aprenderia e usaria para se guiar nas produções de outros textos, como eu produzi agora aqui [durante a oficina com os semifinalistas da categoria em Brasília]", diz o estudante.

Ao ouvir sua explicação, tem-se a impressão de que ele está desmontando um artigo de opinião para entender suas engrenagens e articulações e, em seguida, montar um novo, como num jogo de Lego, destinado a jovens aprendizes de criação de textos. "Eu escrevi me baseando no caminho que criei para a construção de um texto. E o que fiz antes de escrever? Defini a polêmica e a minha posição – o primeiro e o segundo passo. Depois, fui estruturando o texto. O que tem no primeiro parágrafo? Eu apresentei a cidade, independentemente do tema, e depois a polêmica, dando a origem, começando a dar indícios do que vou tratar. Depois vem o segundo parágrafo, e fui desenvolvendo a questão polêmica com a minha opinião." O estudante dá toda a explicação para justificar, com razão, que um "texto não sai do nada".

Indagado se um estudante não poderia ficar muito dependente de um esquema como esse para escrever, William foi rápido: "Isso é só para o começo, ajuda bastante, mas com o tempo a gente fixa na memória como se faz um artigo, a estrutura já está na cabeça, e você faz. É simples", conclui o menino, satisfeito com a criação.



# A invenção da escrita

Eliane Brum

Os domingos me mastigam desde pequena. Não só a mim, eu sei. Sinto que adivinharíamos os domingos mesmo se eles não tivessem sido inventados. Acredito que aquele homem que deixou impressa a sua mão, uma mão com um minguinho torto, na caverna de Chauvet, mais de trinta mil anos atrás, fez o gesto num domingo. Fantasia que ele precisava ter certeza de que existia e forjou uma marca que atravessou o tempo. E foi num domingo que eu escrevi pela primeira vez, para não morrer. Se antes eu tinha escrito porque matei, dali em diante eu para sempre escreveria para não morrer.

Lembro nos detalhes. Acordei muito cedo, com a sensação de que minha alma pesava tanto que a qualquer momento eu seria puxada para o centro da Terra, tragada pela força da gravidade. Olhei pela janela e vi a chuva fina pousando com delicadeza desperdiçada sobre a cidade feia que ainda dormia. Eu queria atravessar a janela e me misturar à chuva. Pressenti que, se não fizesse algo radical, me partiria nas pedras da rua. Peguei uma caneta e um papel e comecei a escrever o que pensava ser uma poesia sobre o nascer do sol. Eu tentava fazer o que tentaria fazer pelo resto dos dias, arrancar beleza onde parecia não haver nenhuma. Tinha nove anos.

Era uma poesia ruim, rebuscada como os livros que eu andava lendo, mas meu pai gostou. Era a primeira vez que um gesto meu chamava de verdade a sua intenção. Meu pai me enxergava. Não parei mais de escrever. Escrevia em qualquer lugar. Guardanapos, papel de pão, de embrulho. Ia deixando pela casa um rastro de letras. Uma versão das migalhas de pão de João e Maria, só que às avessas. As palavras que eu deixava eram pistas para que meu pai me levasse embora para uma casa onde nunca estive. Uma em que eu pudesse existir. E, portanto, habitar.

Até então eu percebia o mundo como uma noite sem fim nem começo. Meu corpo era fluido, sem formas definidas, esparramado pelo espaço. Quando me encarnava, eu doía. Vírus e bactérias me atacavam, tinha reações alérgicas e com frequência minha pele era bordada por bolotas vermelhas, furúnculos. Talvez reproduzisse as manchas na pele que anunciaram a doença que matou a minha irmã em menos de 24 horas. Dava a minha mãe a chance de salvar uma filha, a si mesma e, quem sabe, a mim. Na prática, a alergia resultava na proibição de comer o que eu mais gostava depois do feijão com arroz: chocolate e cachorro-quente com mostarda.

A palavra escrita me encarnou em um corpo onde eu podia viver. O corpo-letra. Ao fazer marcas no papel, com a ponta dura da caneta, entrei no território das possibilidades. As manchas da minha pele primeiro rarearam, em seguida desapareceram. A literalidade que assinala o meu estar no mundo, fazendo de mim uma geografia em que os sentimentos escavam quase mortes, encontrou uma mediação. Pela palavra escrita eu tornava-me capaz de transcender o concreto, transformar impotência em potência. Fui salva pela palavra escrita quando comecei a ler – e (talvez) em definitivo quando escrevi. E – importante – quando fui lida.

As palavras que passaram a ser o mais meu de tudo que era meu levaram meu pai até mim. De novo como as migalhas de pão de João e Maria. Antes que os pássaros – ou as traças, no caso do meu conto sem fadas – devorassem os papéis rabiscados que eu ia deixando para trás, meu pai os recolheu. Ao me enxergar, ele me deu um corpo que eu poderia habitar. Um corpo feminino que, ao ser reconhecido, eu poderia reconhecer. Ao me ver refletida em seu olhar, tornei-me capaz de viver para viver. E não para morrer.

Quando me tornei repórter, tentei fazer da minha escrita um espelho amoroso no qual as pessoas cujas histórias eu contava pudessem se enxergar, descobrir-se habitantes do território das possibilidades e viver segundo seus próprios mistérios. Ser contadora de histórias reais é acolher a vida para transformá-la em narrativa da vida. É só como história contada que podemos existir. Por isso escolhi buscar os invisíveis, os sem-voz, os esquecidos, os proscritos, os não contados, aqueles à margem da narrativa. Em cada um deles resgatava a mim mesma – me salvava da morte simbólica de uma vida não escrita.

Toda história contada é um corpo que pode existir. É uma apropriação de si pela letra-marca de sua passagem pelo mundo. O ponto-final de quem conta nunca é fim, apenas princípio.

\* \* \*

Cada vez que parto para o mundo que é o outro, incluo no espaço-tempo um domingo. Acredito que não se pode conhecer uma pessoa, um grupo, uma aldeia ou um país sem habitá-lo por ao menos um domingo, esse dia esgarçado em que nossas ausências gritam e o silêncio ensurdece. Se o “sábado é uma ilusão”, o domingo tem dentes. E foi num domingo que eu nasci como palavra. Esse parto eu mesma fiz. Desde então, parto para continuar íntegra – eu partida, de partida.

In: *Meus desacontecimentos – A história da minha vida com as palavras*.  
São Paulo: Leya, 2014, pp. 108-112.







# O exílio onde eu vivo

*Até que ponto a vivência em sala de aula e o contato com os alunos tocam a vida do professor? O que pode significar escrever sobre o “lugar onde vivo” para um professor que se sente “desenraizado” na cidade em que leciona? **Otávio Henrique Rodrigues Meloni** nos conta como conviveu com a experiência da Olimpíada.*

Todos nós, sem exceção, temos um modelo de casa. Materialmente, a casa pode ser de alvenaria, de madeira ou de pau a pique. Há casas mais simples, junção de tábuas, folhas de zinco, barracões de teto furado, por onde descem os fragmentos de luz em noites de lua cheia. Porém, sem importar o tamanho ou o estilo, estar em casa é sinônimo de segurança e de descanso. Talvez seja esse o espaço em que melhor nos expomos.

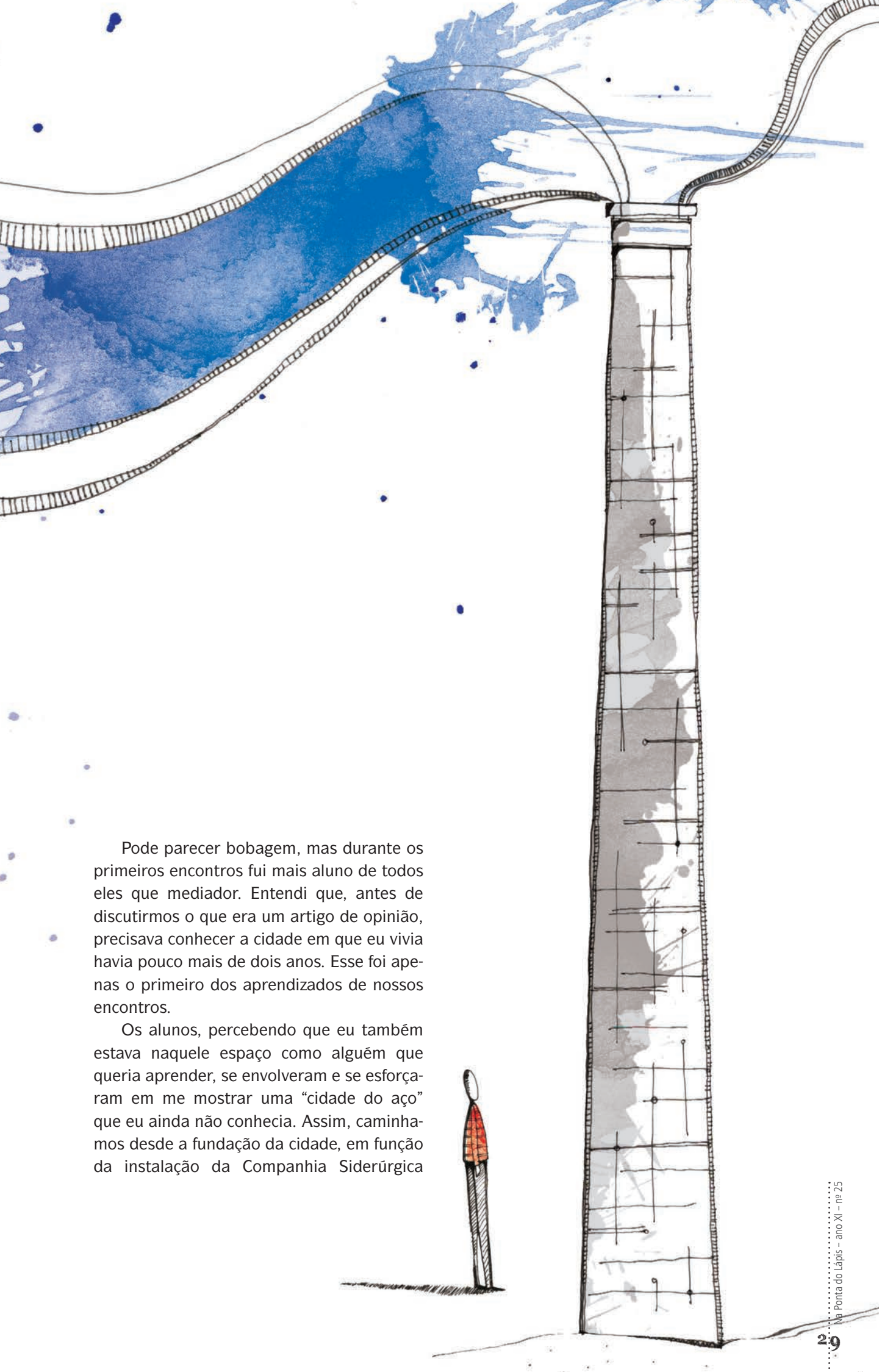
Ali somos únicos, reis e rainhas de um território pequeno, porém demasiado importante e necessário. Por isso, talvez, nosso conceito imaterial de casa está corriqueira-

mente aliado ao lugar onde nascemos. Sentimo-nos em casa, pois conhecemos as ruas, os prédios, os endereços comuns, e acenamos volta e meia para pessoas que, assim como nós, entendem aquele espaço geográfico como seu, ainda que timidamente.

É esse sentimento de “estar em casa” que envolve minha história ao longo desta edição da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. Digo isso porque o tema “O lugar onde vivo” foi um grande desafio para mim, como professor. Moro há menos de dois anos em Volta Redonda e desenvolvi o trabalho das oficinas com jovens nascidos e criados na cidade.

---

Otávio Henrique Rodrigues Meloni é professor do Instituto Federal de Educação e Tecnologia do Rio de Janeiro, *campus* de Volta Redonda, Rio de Janeiro.



Pode parecer bobagem, mas durante os primeiros encontros fui mais aluno de todos eles que mediador. Entendi que, antes de discutirmos o que era um artigo de opinião, precisava conhecer a cidade em que eu vivia havia pouco mais de dois anos. Esse foi apenas o primeiro dos aprendizados de nossos encontros.

Os alunos, percebendo que eu também estava naquele espaço como alguém que queria aprender, se envolveram e se esforçaram em me mostrar uma “cidade do aço” que eu ainda não conhecia. Assim, caminhamos desde a fundação da cidade, em função da instalação da Companhia Siderúrgica



Nacional (CSN), até suas grandes greves (como a de 1988) e os atuais problemas com o rio Paraíba do Sul.

Todo esse movimento inicial fez com que os alunos percebessem a relação estreita que eles possuem com sua cidade e não desconfiavam. Refletimos, assim, sobre a construção dos novos modelos sociais, mais voltados para perspectivas globalizantes, que buscaram minimizar a identidade do homem com o espaço.

Discutimos transitoriedade, e foi a vez de expor um pouco de minha vida. Filho de um vendedor cuja principal função era criar novos mercados; por isso morei em diversas cidades do Estado do Rio de Janeiro. Falei de minha peregrinação escolar, que rendeu um histórico mais parecido com um passaporte de exilado político. Enfim, vivemos por semanas os conflitos que todo sujeito contemporâneo desenvolve com relação ao seu espaço.

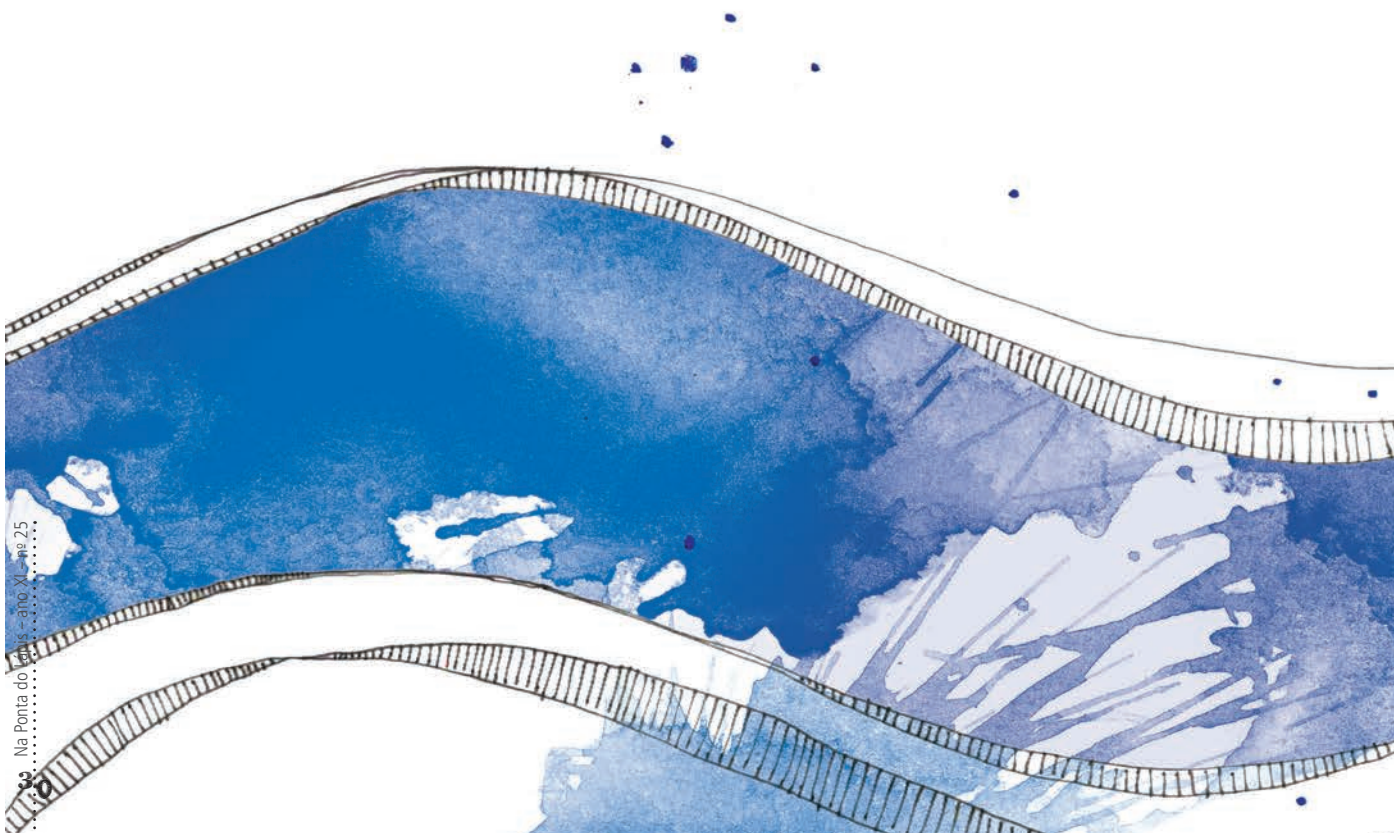
Aos poucos, as discussões prévias sobre o lugar onde vivíamos cederam espaço às questões que tanto afligiam aqueles jovens, nascidos e criados em uma cidade de interior, mas bombardeados, todos os dias, por experiências de vida globalizadas, com línguas diferentes e estilos de vida distintos.

O segundo grande desafio dessa caminhada foi conduzir uma discussão tão complexa, que aproxima o local e o global para a

realidade dos alunos e, principalmente, para os enfoques que eles queriam conferir ao tema principal. Após a utilização do material que recebemos e das diversas atividades de construção argumentativa, chegou a hora de me tornar um espectador de suas escritas. A cidade que conheci pelos relatos orais nos primeiros encontros aos poucos ia se desenhando em letras e sentidos que buscavam uma compreensão daquele espaço.

A CSN, primordial para compreender Volta Redonda, perpassava por todos os textos, mas por caminhos distintos: ora pela industrialização e pelos impactos no meio ambiente, na diversidade do povo, na formação do comportamento típico do volta-redondense e na perspectiva trabalhista da matriz municipal; ora pela presença constante da figura de Getúlio, o caráter político-estratégico e o período da ditadura militar. Conforme as pesquisas e a escrita dos alunos se adensavam, outras cidades emergiam da, para mim, pacata Volta Redonda.

O envolvimento de todos foi tão grande que, mesmo em meio a um período de greve do funcionalismo público federal, os alunos solicitaram que prosseguíssemos com nossos encontros. Frequentamos a escola vazia, com todas as salas de aula à nossa disposição. Os poucos servidores que iam para o *campus* estranhavam. Imaginavam que eu



estava “furando” a greve, logo ali, na cidade da grande greve de 1988.

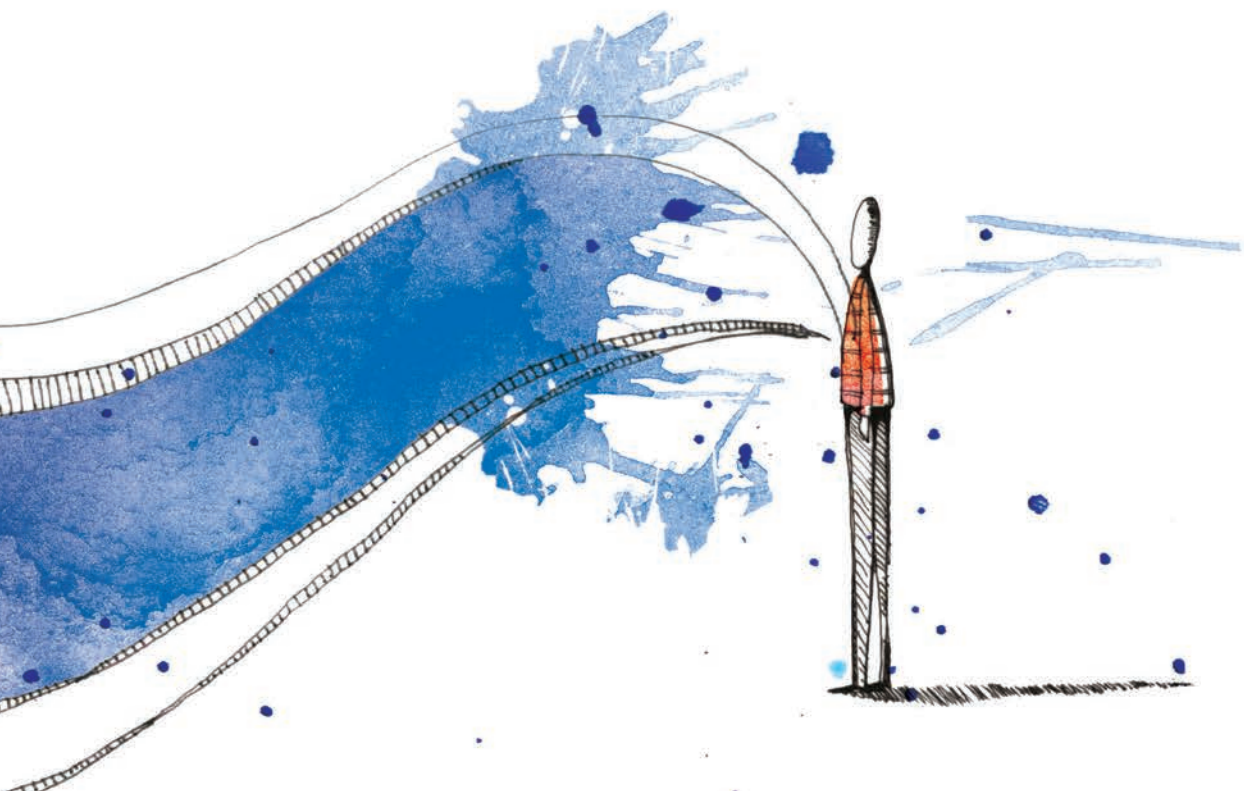
Na verdade, discutíamos a greve em meio ao movimento. A presença sindical e a força dos trabalhadores são uma constante na história de Volta Redonda; afinal, a cidade foi fundada por eles quando a siderúrgica começou a operar. Nossa greve de hoje era mais um motivo para repensar a cidade na escrita e na construção dos argumentos.

O período de um mês em que ficamos em greve precedeu a banca escolar. Na última semana, desejei sorte a todos e concluímos os encontros e oficinas com uma ótima dinâmica. O exercício tinha por base perceber como era o “local onde vivíamos” naquele momento, depois de todas as discussões. Iniciei confessando minha gratidão pela experiência e expliquei o porquê de as oficinas terem elevado tão rapidamente Volta Redonda aos lugares que fazem parte de mim.

Aos poucos, cada um, à sua maneira, apresentava sua relação com a cidade. Eles queriam, em suma, uma cidade menos conservadora, mais atenta com aquilo que eles veem e acompanham na internet e capaz de oferecer espaços de respeito ao jovem. Estavam diante de um paradoxo que desconheciam e agora pensavam como atenuar suas agruras socioculturais. Eles se transformaram. Eu também.

Enquanto esperava notícias sobre o futuro do texto selecionado na Olimpíada, ainda cabia uma reflexão pessoal a respeito do processo, como tudo aquilo ocorreu de forma tão natural e produtiva. Logo eu, desterritorializado por gosto do destino, sem amigos de infância ou marcas de crescimento no portal do quarto. Logo eu, agora ali, diante de uma cidade que passara a ser minha (ou eu dela) por meio das vozes daqueles alunos. Logo eu, que buscava corriqueiramente os lamentos de Drummond sobre sua Itabira e procurava algum retrato em minha parede, mas nada via. Logo eu... da pequena varanda de meu apartamento alugado, de pouco mais de cinquenta metros quadrados, observava o curso agitado do rio Paraíba do Sul e me lembrava de Manuel Bandeira dizendo que “todos os dias o aeroporto em frente lhe dava lições de como partir”. Meu aeroporto é um rio navegado pela vida.

Costumo dizer que o lugar onde vivo é uma gama de livros, pessoas e lembranças. Uma espécie de pátria de afetos que criei para suportar a transitoriedade de minha vida, e, hoje, essa pátria está debruçada sobre a grade da pequena varanda, a admirar o curso do rio, o barulho do trem a transportar minério de ferro (não o de Itabira) e a vida das pessoas simples, como eu, que já carregam esta cidade no peito. Não há nenhum retrato na parede, mas como dói!





# Ortografia e Ensino

Carlos Alberto Faraco

**A** ortografia é a roupa com que a língua se apresenta quando na forma escrita. Combinam-se letras, dígrafos e acentos para representar graficamente cada uma das palavras.

A língua hoje conhecida pelo nome de *português* começou a ser escrita nos fins do *século XII*. Durante séculos, os escribas (tabeliães, monges, chanceleres reais, escritores) desenvolveram diferentes grafias, tendo como referência a ortografia do latim e, ao mesmo tempo, criando tentativamente formas gráficas para as peculiaridades fonológicas surgidas no processo de formação da *língua*. Em razão disso, era comum a mesma palavra ter diferentes grafias conforme o lugar em que o texto era escrito e até dentro de um mesmo texto.

Essa diversidade não constituía problema porque os documentos eram manuscritos e tinham circulação muito restrita. Mas, com a invenção da prensa de tipos

Carlos Alberto Faraco é professor doutor titular (aposentado) da Universidade Federal do Paraná.

...móveis por Gutenberg no século XV e a...

... expansão de seu uso pela Europa, foi preciso fixar uma grafia única. As muitas cópias

de um mesmo livro podiam agora alcançar um público muito ampliado e a viver nos mais diferentes pontos do território.

Das línguas europeias, o toscano (que depois veio a ser chamado de *italiano*) foi a primeira a fixar sua ortografia já no final do século XVI. O francês teve sua ortografia fixada no século seguinte; e o inglês e o castelhano, no século XVIII.

O português só veio a fixar sua ortografia no século XX. Do século XVI ao XXI, praticou-se uma ortografia que pretendia ser etimológica, isto é, a grafia das palavras deveria reproduzir sua origem. Grafava-se *rhythmo* com *rh*, *th* e *y* por ser palavra de origem grega; e *atingir* com *t* duplo por ser palavra construída por composição em latim.

Como, porém, não se conhecia a etimologia de todas as palavras, muitas vezes se fixava

a grafia aleatoriamente. Assim, escrevíamos *affetar* e *afferir* com dois eses porque eram palavras compostas em latim; alguns escreviam *affamado* e *affastar* com dois eses por “analogia”, já que nenhum fato etimológico justificava a duplicação da consoante.

Disso resultavam formas gráficas não uniformes para a mesma palavra, o que não era funcional. Foi preciso, então, buscar uma solução para essa falta de uniformidade da ortografia, meta alcançada em 1911 com base no trabalho de dois importantes filólogos portugueses: Aniceto Gonçalves Viana e Guilherme Abreu.

Eles propuseram eliminar as grafias relacionadas à etimologia grega (desapareceram as grafias com *ph*, *th*, *rh*, *y*); simplificar as etimologias latinas (desapareceram, por exemplo, todas as letras dobradas salvo *ss* e *rr*); e dar sempre precedência ao critério fonológico.





A adoção definitiva dessa ortografia no Brasil demorou alguns anos e só veio de fato a ocorrer em 1938. No entanto, os vocabulários ortográficos (os instrumentos de referência que listam as palavras em sua forma ortográfica), produzidos em cada país, apresentavam diferenças. Assim, desde a década de 1940, o português conviveu com duas ortografias oficiais. Foi preciso um longo processo de negociações para superar essa dualidade e unificar as bases da ortografia, o que se alcançou com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990\*.

Na fixação da ortografia em 1911, não se abandonou totalmente o critério etimológico. O longo período de quase quatrocentos anos em

que se tomou a etimologia (falsa ou verdadeira) como base da grafia das palavras deixou, portanto, suas marcas na nossa ortografia.

Por isso é que se diz que a ortografia do português é alfabética com memória etimológica. Isso significa que as unidades gráficas (letras e dígrafos) representam não palavras (como na escrita chinesa) ou sílabas (como na escrita japonesa), mas fonemas (que são as menores unidades da organização sonora da língua).

Essa relação unidade gráfica/fonema é bastante regular na ortografia do português. As irregularidades decorrem da memória etimológica. Assim, a sílaba /ta/ é sempre grafada com a sequência das letras t+a (*tatu, tapera, pata* etc.); é, portanto, 100% regular e previsível. Já a letra h inicial só se usa por razões etimológicas (*homem, hoje, horto* etc.) e, nesse caso, não é possível prever fonologicamente sua ocorrência (a letra h não corresponde a nenhum fonema); precisamos, então, conhecer a forma integral da palavra.

Em razão dessas características da nossa ortografia, a alfabetização precisa sempre combinar dois caminhos para garantir que o aprendiz se ...

\*Assinado em Lisboa em 16 de dezembro de 1990. O Decreto nº 6.583, que promulgou esse acordo, foi assinado em 29 de setembro de 2008, e em seu art. 2º, parágrafo único, estipulou um período de transição até 31 de dezembro de 2012. A partir dessa data, deveriam entrar em vigor as atuais regras do citado acordo.

...apropriadamente do sistema gráfico.

Podemos chamá-los de *caminho sintético* (para as regularidades fonologicamente motivadas) e de *caminho global* (para os casos de memória etimológica).

No caminho sintético, partimos das correspondências fonema/unidade gráfica e construímos com elas sílabas e palavras; no caminho global, trabalhamos diretamente com a forma da palavra em sua totalidade.

Desse modo, para palavras com grafia regular (a maioria do vocabulário), como *cada*, *prata*, *trabalho*, o primeiro caminho é suficiente; para palavras como *homem*, *descer*, *exceção*, *exato*, cuja grafia guarda elementos de memória etimológica, o segundo caminho é necessário.

Para facilitar a alfabetização, deveríamos, então, fazer uma reforma ortográfica radical, eliminando todos os resquícios de etimologia da ortografia?

De tempos em tempos aparece gente com esse tipo de proposta. Uma tal reforma, porém, só teria sido possível até fins do século XIX, época em que a maioria absoluta da população portuguesa e brasileira era analfabeta, a indústria do livro, insignificante, e a imprensa tinha pequeno porte e alcance. Hoje, tal reforma teria custos astronômicos (pense-se só na adaptação de um dicionário como o *Houaiss*) e efeitos educacionais e culturais desagregadores. Em pouco tempo, nossas bibliotecas estariam obsoletas (o que seria um crime de lesa-cultura) e nós que já somos alfabetizados perderíamos o nosso saber ortográfico e teríamos de voltar à leitura silabada.

Quando lemos, nos orientamos por um léxico ortográfico mental que registra a forma gráfica da palavra e nos permite ler não letra por letra ou sílaba por sílaba, mas identificando a palavra visualmente mais do que fonicamente. Esse mesmo léxico mental é ativado quando grafamos as palavras. Uma reforma ortográfica radical destruiria esse saber dos já alfabetizados.

Os malefícios seriam, portanto, bem maiores que qualquer benefício. Assim, não devemos dar acolhida a propostas de reforma radical da ortografia. Podemos perfeitamente conviver com a memória etimológica que ainda subsiste na nossa ortografia. Qualquer criança, se bem ensinada, já mostra bom domínio da ortografia (até mesmo das irregularidades) por volta dos 10 anos.

percepção... reforma, textos, grafias... fonética, global, léxico, composição, etimologia - tratados... letras



# HISTÓRIAS vividas, HISTÓRIAS narradas

*“Existe muito estereótipo. As imagens passadas dos índios são sempre na selva, caçando, pescando, como se todos os índios seguissem o mesmo modelo. Ser indígena não é definido pelo fato de onde a pessoa mora simplesmente, se na floresta ou na cidade. O que conta é o espírito de pertencimento, a manutenção e incorporação dos valores e da cultura da etnia.”*

Maria Pankararu

Depois da emoção da notícia vem a ansiedade da viagem. Professores e estudantes semifinalistas de diferentes regiões do país, representantes do gênero Memórias literárias, se encontram em Maceió. Olhares curiosos, sorrisos alegres, burburinhos de conversas em busca de pistas: o que vai acontecer?

Da programação robusta dos encontros regionais, escolhemos contar para os leitores o percurso de aprendizagem vivido por esses alunos-autores em Maceió – desde a preparação para a entrevista até a escrita do texto final.



# Maria Pankararu

*Leitura e muita conversa para conhecer a vida indígena da entrevistada Maria das Dores de Oliveira.*

## Quem é ela?

Nasceu na aldeia Brejo dos Padres, em Tacaratu, sertão de Pernambuco. Quando criança, andava mais de hora a pé para chegar à sala de aula mais próxima da aldeia. Quando ela tinha seis anos, sua família – fugindo da seca – mudou-se para São Paulo: “Lá, fui para a escola pela primeira vez. Foi como descortinar o mundo”. Maria e seus nove irmãos não esqueceram suas raízes: “Durante toda a minha vida, minha identidade étnica foi preservada pelos meus pais. Nossa casa em São Paulo era uma verdadeira aldeia. Nunca perdemos o vínculo com o nosso povo”.

## Ser índio

Quantas são as etnias? Que línguas são faladas?  
Quais são os conhecimentos, crenças, valores?  
Convidamos os estudantes a navegar pelo *site* Índio Educa < <http://www.indioeduca.org> > para aproximá-los da realidade indígena brasileira.

## Cultura indígena

Ouvindo a música *Chegança*, disponível em < [www.youtube.com/watch?v=vlwP2TsKee4](http://www.youtube.com/watch?v=vlwP2TsKee4) >, do CD *Madeira que cupim não rói*, de Antonio Nóbrega < <http://antonionobrega.com.br> >, planejamos com os estudantes os temas da entrevista com Maria Pankararu: recordações da vida na aldeia, infância, escola, crenças, rituais, valores, identidade étnica, cultura do povo Pankararu, constantes deslocamentos para várias cidades brasileiras, curiosidade em aprender, esforço e a emoção de se tornar a primeira indígena a receber o título de doutora, celebração na aldeia Brejo dos Padres.

## Povo Pankararu

A entrevista com Maria Pankararu no programa *Conexão Futura* < <https://www.youtube.com/watch?v=Neyzr4zMXso> > e o depoimento do jovem Anderson Cleomar dos Santos, aluno de música da UEFS < <http://www.youtube.com/watch?v=laCGAPFi2LY> > revela segredos da etnia Pankararu.





## Bate-papo animado com Maria Pankararu

### Roteiro da entrevista

A organização da família Pankararu é diferente da de outras etnias?

Qual a lembrança mais remota da aldeia em que você nasceu?

Mesmo longe da aldeia, seus pais preservaram as tradições, os costumes, o ritual da festa do umbu, a identidade da cultura Pankararu?

Os indígenas são defensores da natureza. Qual a sua opinião sobre desmatamento, poluição, falta de água, essa destruição?

Como foi sua primeira viagem para São Paulo? A sensação de respirar o ar poluído da cidade?

Na escola você se assumia como indígena? Pensou em desistir de estudar por causa do preconceito?

A cultura indígena se transformou com o uso das redes sociais, a chegada da tecnologia à aldeia?

Como você descobriu o gosto pela leitura? E o seu relacionamento com a vida universitária, como foi?

Qual a sensação de ser a primeira indígena a receber o título de doutora?

Acesse < <https://www.escrevendoofuturo.org.br> > e ouça a entrevista.

Estudar a vida da pessoa entrevistada ajuda a formular perguntas instigantes, que tragam à tona recordações de acontecimentos representativos, objetos, sentimentos, dados importantes para o aluno-autor recriar o que foi narrado pelo entrevistado.



## Da prosa oral à prosa escrita

Pela voz do entrevistado evocam-se as lembranças do lugar. A entrevista, por ser um gênero da modalidade oral da língua, traz várias marcas próprias da conversa informal. A passagem da linguagem oral para a escrita não é automática. O estudante terá o trabalho de retextualizar, transformar aquele texto oral em texto escrito, incluir toques ficcionais que envolvam o leitor.

## Escuta apurada

Alertamos sobre os cuidados na passagem da modalidade oral (entrevista) à modalidade escrita (texto de memória literária):

- leia as anotações, as observações coletadas na entrevista;
- selecione as informações, fatos pitorescos que podem ser utilizados na produção do texto;
- organize os conhecimentos, os dados, os turnos de fala, preservando a linguagem, as marcas linguísticas, a pronúncia, a fidelidade à fala da pessoa entrevistada;
- evite frases imprecisas ao narrar os acontecimentos, assegurando a progressão temática;
- procure transmitir ao leitor as lembranças, as sensações, as emoções que surgiram durante a entrevista, sem perder de vista o tom literário.

## Narrar o vivido

Pedimos aos estudantes que ao escrever o texto mostrassem o olhar particular da indígena Maria Pankararu sobre aquilo que ela viu e viveu, levando em consideração:

- diferentes vozes do discurso – voz da pessoa entrevistada, do aluno-narrador, do aluno-personagem;
- narrativa em primeira pessoa, para envolver, conduzir o leitor por cenários e situações reais e imaginárias;
- costura de acontecimentos reais com os inventados (ficcionais), preservando a estética da linguagem literária;
- pontuação; as repetições e redundâncias;
- releitura, revisão e reescrita do texto.



## Fragmentos de textos dos alunos-autores semifinalistas no encontro em Maceió

“Tornar visível a diversidade da cultura indígena.”

Maria Pankararu



### Rastejos do passado trazidos pelo vento

“O dia começava cedo e o sol aparentava mostrar o rosto na aldeia Brejo dos Padres, em Tacaratu, interior de Pernambuco. Era aí que iniciava a repentina trilha que ia até a escola mais próxima de minha aldeia, eu andava no caminho de terra seca como couro velho e estreito como labirinto, características do interior nordestino. Só depois de algumas horas de estudo retornava ao aconchego familiar.”

Ester Pereira Lima, Boca do Acre (AC)

### Raízes da memória

“Essas são as raízes de minha memória plantadas como uma árvore numa rocha firme que jamais vou esquecer.”

Sulamita Pinheiro Santos, Careiro da Várzea (AM)

## Pankararu sempre

“Nasci nesta terra onde as águas são limpas e cristalinas, onde o amor ao próximo predominava e a religião o ponto inicial. Porém, essas memórias só estão presentes em meus pensamentos como uma semente que depois de semeada brota para revigorar e dar vida.”

Kairo de Oliveira Costa, Pereiro (CE)

## Lembranças da infância

“Enfim... Apesar de todo o preconceito e até mesmo as humilhações que ainda sofremos, a cultura indígena é extremamente importante na sociedade, pois mesmo nos mínimos detalhes do dia a dia percebemos alguns de nossos costumes na vida de outras pessoas.”

Milena Gomes Cardos, Itapuranga (GO)

## Entre as raízes do Umbu

“Passando por uma estrada coberta por um tapete de seca, avistei um umbuzeiro carregado de frutos maduros. Logo lembrei-me da minha infância, da minha cultura, das minhas raízes. Nasci na aldeia Brejo dos Padres, em Tacaratu, no meio do seco e branco sertão pernambucano.”

Gabriela Chaves Santos, Coronel Xavier Chaves (MG)

## O reflexo no espelho

“Quando conheci uma biblioteca o mundo se descortinou. Passei a gostar muito de ler. Quando lia, parecia estar embarcando em uma viagem; conheci muitas histórias que faziam minha imaginação flutuar.”

Valdirene Prestes dos Santos, Jardim Alegre (PR)

## Meus costumes, meu povo, minha aldeia

“Somos indígenas, filhos da terra. Abençoados pela natureza, aprendemos a prezar o que ela tem a nos oferecer. [...] Ainda sinto alguma tristeza queimar o meu coração ao lembrar-me do preconceito que as pessoas tinham para com os índios em São Paulo. Nossa cultura fora tão reprimida que ainda me recordo dos diversos rituais que realizávamos na calada da noite para não alertar os vizinhos.”

Vitor Hugo Bueno, Santa Fé do Sul (SP)



## Indicações

para quem busca novidades para ler, ouvir, ver, falar, pensar e sonhar

Cinema/Vídeo

### Ao alcance dos olhos e ao pé do ouvido

*“Fernando Pessoa é sempre um prazer sentido, quase chorado. Começa que ele não é um, ele é pelo menos quatro – Pessoa, Alberto Campos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis. Quando me perguntam de qual gosto mais, digo que é o que estou lendo naquele momento.”*

Cleonice Berardinelli

A ideia da leitura de poemas, materializada no documentário *O vento lá fora*, de Marcio Debellian, nasceu na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), em 2013. De um heterônimo para o outro – a cantora Maria Bethânia e Cleonice Berardinelli, 98 anos, professora emérita e imortal da Academia Brasileira de Letras, interpretam poesias, entremeadas por conversas sobre a vida de Fernando Pessoa (1888-1935). A trilha musical de Nelson Freire (executando Liszt e Schumann), composições de Egberto Gismonti apresentadas em flauta e violino e a participação da própria Maria Bethânia ao piano, dão um tom intimista ao diálogo com a obra de Pessoa.

O documentário filmado em preto e branco retrata peculiaridades do poeta, como o trecho da carta na qual o poeta explica a origem de seus heterônimos ao escritor português Adolfo Casais Monteiro. Além da leitura de textos poéticos, o DVD traz uma entrevista com Dona Cléo, considerada a maior especialista em Fernando Pessoa no Brasil.

Assista ao *trailer* do documentário em <<https://www.youtube.com/watch?v=t8N3Kld04Ho>> e se quiser chegar mais próximo de Fernando Pessoa navegue por <[casafernandopessoa.cm-lisboa.pt](http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt)>. Acesso em 27 de fevereiro de 2015.



O vento lá fora

Música/Discos

### Ao pé do ouvido e na ponta da língua

*“A cada cem anos aparece um verdadeiro mestre entre nós.”*

Gilberto Gil



Gilbertos – Samba ao vivo

No CD duplo *Gilbertos – Samba ao vivo*, Gilberto Gil revisita canções compostas por outros autores que fizeram sucesso na voz de João Gilberto: Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Caetano Veloso, Carlos Lyra. O repertório traz *O pato*, *Doralice*, *Eu vim da Bahia*, *Ladeira da Preguiça*, *Meio de campo*, algumas músicas do próprio Gil e as inéditas como *Rio eu te amo* (trilha sonora do filme homônimo) e *Gilbertos* composta especialmente para o CD. A produção musical é de Bem Gil e Moreno Veloso e a direção artística do próprio Gil. O músico apura sua devoção ao violão: “Já que eu vou fazer uma releitura do João, deixa eu me dedicar, tocar mesmo, investigar um pouco”. Libere a escuta para a voz e o violão de Gilberto Gil, disponível em <<http://www.gilbertogil.com.br>>. Acesso em 27 de fevereiro de 2015.

“Nordestino agarra a cultura que te veste.”

**RAPadura**

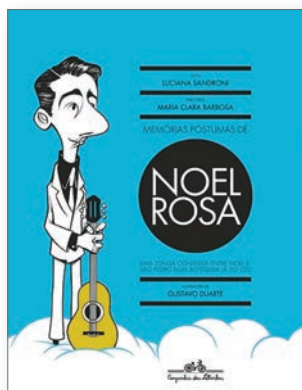
O cearense Francisco Igor de Almeida dos Santos, conhecido como RAPdura Xique-Chico, apelido que tem origem na infância por saborear potes de rapadura. Defensor da cultura nordestina – repente, coco, maracatu, capoeira, forró, baião, cantiga de roda –, entrelaça o rap contemporâneo com a música de raiz. Costuma apresentar-se com roupa simples, sandália de couro e chapéu de palha. Destaca que a escolha da canção *Norte Nordeste me veste* para o clipe foi para “mostrar a grandeza de um povo trabalhador, a cultura viva em cada calo de mão, a esperança verde em cada planta de pé rachado”.

As imagens do videoclipe percorrem a paisagem do sertão baiano contrapondo com prédios, ruas, antigas igrejas, cenário da cidade de Salvador ao som do lirismo crítico da voz do nordestino RAPdura. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=n\\_ZXeg6gD\\_o](https://www.youtube.com/watch?v=n_ZXeg6gD_o)>.

Ouçã as canções do álbum *Fita embolada do engenho*, em <<https://soundcloud.com/rapadura>>. Acesso em 27 de fevereiro de 2015.



Videoclipe da música *Norte Nordeste me Veste*, do álbum *Fita embolada do engenho*, do compositor RAPadura



Memórias póstumas de Noel Rosa – Uma longa conversa entre Noel e São Pedro num botequim lá do céu

“Seu leitor, faça o favor de me ler sem pressa e com muita atenção.”

**Luciana Sandroni**

“São Pedro, além de controlar o ir e vir das águas que caem sobre a terra, guarda as chaves do céu. Mas o que muitos não sabem é que ele é fã de música e de um bom papo. [...] São Pedro anima Noel a contar, com suas palavras, a sua formação em Vila Isabel, o que ele faz com prazer. O rapaz se empolga e aproveita para narrar todas as suas peripécias.”

Instigado pelo texto da quarta capa, o leitor vai descobrir como Noel escreve os episódios marcantes de sua vida. Do nascimento, quando o fórceps quebrou seu maxilar e deixou seu queixo atrofiado, passando pelas travessuras do tempo de escola, o inseparável violão, os amigos do bairro, a vida boêmia, os amores, os primeiros sambas e a tuberculose, a doença que o levou à morte aos 26 anos, em Vila Isabel.

*Memórias póstumas de Noel Rosa*, da Companhia das Letrinhas, foi escrito por Luciana Sandroni, com ilustrações bem-humoradas de Gustavo Duarte, e quinze partituras de canções elaboradas por Maria Clara Barbosa. Excelente oportunidade de aproximar crianças e jovens do compositor Noel de Medeiros Rosa (1911-1937) e da época de ouro da música popular brasileira (1930-1945). Saiba mais em <[www.dicionariompb.com.br/noel-rosa](http://www.dicionariompb.com.br/noel-rosa)>.





Parceria



Coordenação Técnica



Iniciativa



Ministério da Educação



OLP-2014-000046